



EDITORIAL

Anne Lise Di Moisé Sandoval Silveira Scappaticci¹

annelisescappaticci@yahoo.it

GUERRA E PAZ, UMA ODISSEIA

A *Ide*, em sua missão de focalizar a interface entre a psicanálise e a cultura, vem se ocupando, nesse pensamento editorial, do contemporâneo no extemporâneo, isto é, dos dilemas psíquicos que atravessam a nossa história e a história da humanidade. Como disse Fassbinder, as fake news existem desde os tempos dos egípcios. a crueldade e a maldade são traços inerentes à natureza humana, conforme observou Hannah Arendt durante o julgamento de Adolf Eichmann. A psicanálise pode nos ajudar a evitar a alienação e a manter a lucidez, e compreender as diversas manifestações do ser humano na contemporaneidade, como os sintomas que surgem na eterna luta pela humanização e o reconhecimento de sua natureza psíquica. Espero que o tema aqui proposto estimule o leitor a refletir sobre sua própria jornada, a odisséia de cuidar de si mesmo, e manter contato com o grupo de pares pode se tornar uma verdadeira odisséia. Essa luta constante é inquietante e difícil, como se estivéssemos em uma guerra na qual não é possível ter baixas.

Quando iniciei essa escrita veio-me à lembrança outra referência clássica da literatura, o poema dramático do alemão Johann Wolfgang von Goethe que começou a ser composto em 1775, *Fausto*.

Essa obra foi inspirada em Johann Georg Faust (1480-1540), mago, astrólogo e alquimista do Renascimento alemão. Existiram várias histórias na cultura popular em torno dele, foi acusado de bruxaria, creditando-lhe que teria feito um pacto com o demônio para ter acesso aos poderes do mundo oculto.

Vários escritores, entre eles, Thomas Mann, Mikhail Bulgákov, debruçaram-se sobre o assunto, entretanto, a mais célebre de todas as versões desse mito humano sobre a sedução do poder é o texto de Goethe. É a narrativa sobre um homem sábio e de sucesso que pretende aprender e experienciar o máximo que puder. No entanto, encontra-se permanentemente frustrado com as limitações humanas e procura também respostas no universo mágico. Seu caminho sofre uma reviravolta quando conhece um demônio que vem à Terra para corromper a sua alma, depois de ter feito uma aposta com o próprio Deus. Não é por meio da força, mas graças a esperteza, sedução e manipulação, que Mefistófeles consegue

1 Analista didata e professora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutora em saúde mental pelo Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp). Doutora em psicologia clínica pela Universidade de Roma La Sapienza. Pós-doutora pelo programa de psicologia clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP).

corromper a alma do protagonista. Após segui-lo até sua casa, sob a forma de um cão, o demônio aparece diante do estudioso com uma proposta que ele não consegue recusar.

Considerada uma das maiores obras da literatura alemã, *Fausto* tornou-se uma referência por simbolizar o dilema do homem na modernidade. Desde o começo, aquilo que motiva Fausto é a busca incessante pelo conhecimento. Como Édipo, ele almeja entender de maneira onipotente o mundo no qual se encontra. Aliás, o personagem fictício parece-nos mais real, vivo, do que muitos que conhecemos. Mas nos remete ao funcionamento regido pelo princípio do prazer, à intolerância de que, por sua própria natureza, o conhecimento não é rápido e sem sofrimento mental. Conhecer não é uma atividade visando a posse, mas sim uma busca que requer tolerância à frustração e um espírito apaixonado e abnegado. Atualmente, a velocidade com que obtemos informações pode sobrecarregar nossa mente, impedindo-nos de processar e sentir as emoções para poder pensá-las. Nosso funcionamento grupal é rápido e questiona a frustração da espera, da demora. A capacidade de esperar com paciência é uma habilidade fundamental para um psicanalista, dada a natureza de sua ciência.

Neste número da revista, vários autores escrevem sobre as manifestações diabólicas do ser humano ao defender a guerra, o fascismo, a destruição. Agrada-me pensar na interface entre a música e a literatura atingindo uma forma que em conjunto dá conta do psiquismo. No caso do *Fausto*, temos Robert Schumann (1810-1856), em suas *Cenas de Fausto de Goethe*, e Hector Berlioz, que se referia a sua obra *A danação de Fausto* como uma “ópera de concerto”. Thomas Mann explora novamente a interface entre música e literatura. Em seu *Fausto*, o protagonista faz um pacto com o diabo para terminar sua teoria dodecafônica. Mefistófoles oferece a Adrian pela renúncia ao calor do amor, em troca, 24 anos de vida como um gênio – justamente o período suposto de incubação de sua sífilis.

Pensando nas manifestações artísticas da guerra, Sergei Rachmaninov, diante da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da revolução (Revolução Russa, 1917), que expulsara o compositor de sua terra natal, escreve seu *Quarto concerto*:

A instabilidade permeava tudo, e nada (social, político ou musical) era certo, sendo o *Quarto concerto* a reação de Rachmaninov a tais mudanças; era tanto a tentativa de se manter a par das tendências quanto a expressão do profundo desconforto diante do desaparecimento de um mundo que amava. Em sua fragmentação, sua melancolia e seu profundo desassossego, o *Quarto concerto* é uma “Terra desolada” musical, uma evocação da alienação análoga ao poema de T. S. Eliot (1888-1965), publicado quatro anos antes. Enquanto a nostalgia do *Segundo concerto* é afetuosa e reconfortante, a do *Quarto* é pungente, dolorosa: um vislumbre do compositor exilado, solitário nos bastidores, sob a luz crua de seu camarim, e não banhado nos holofotes do palco. (Hough, 2023, p. 22)

O poeta Wordsworth refere-se à poesia como a emoção relembrada com tranquilidade, precisamos desse recurso para publicar nossas guerras. Vários intelectuais e poetas que participaram da Primeira Grande Guerra tiveram necessidade da escrita poética e da publicação em antologias, especialmente na Inglaterra: Rupert Brooke, Siegfried Sassoon, Isaac Rosenberg, Edward Thomas, William Butler Yeats, Wilfred Owen. Na guerra matar e morrer era uma ocorrência anônima, e, portanto, sobreviver ao anonimato é como matar e ser morto inúmeras vezes. Em seu artigo “O estranho encontro entre o fantasma de Wilfred Bion e a alma de Wilfred Owen”, Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho escreve: “nada disso importa muito na guerra; ali, é preciso reconhecer que o terror é a origem primordial da mente, como já intuído por Wordsworth, que, referindo-se a sua alma, sugere que ela cresceu alimentada tanto por beleza quanto por medo” (2015, p. 59). A escrita é a saída do anonimato e, assim, a chance de o soldado (do humano) deixar de ser desconhecido e trilhar seu rumo ao ser.

Este livro não é sobre heróis. A poesia inglesa ainda não está preparada para falar deles.

Ele também não é sobre façanhas, domínios, nem qualquer coisa sobre glória, honra, poder, mas sim de guerra.

A poesia está contida na consternação. (Bion, 1933, citado em Junqueira Filho, 2015)

Um aviador irlandês prevê a sua morte
Sei que encontrarei meu fado
Em meio às nuvens e ao vento;
Não odeio quem combato
E não amo quem defendo;
De Kiltartan Cross eu vim,
Minha gente são seus pobres;
Tanto faz da guerra o fim,
Não lhes encherá o alforje.
Por lei ou dever não luto,
Ou quem me aponte o que fazer;
Um afã levou-me ao tumulto
Das nuvens, de puro prazer.
Passado e porvir, na mente
Tudo pesei, de tal sorte
Que, sem alento igualmente,
Para tal vida, tal morte.
(Yeats)

Referências

- Hough, S. (2023). *Revista Osesp*.
Junqueira Filho, L. C. U. (2015). O estranho encontro entre o fantasma de Wilfred Bion e a alma de Wilfred Owen. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(2), 49-62.